

## 5 Conclusão

No prefácio do livro *Acreditavam os gregos em seus mitos?*, Paul Veyne conta que os Dorzé, um grupo de etíopes cristãos, acreditam que os leopardos são animais cristãos que obedecem à liturgia da Igreja copta, respeitando inclusive os dias de jejum. Porém, mesmo nos dias de jejum ritual, os Dorzé protegem suas ovelhas da fome sangüinária dos leopardos. Eles acreditam que os leopardos são cristãos e cumprem os jejuns da Igreja. E, simultaneamente, sabem, por experiência, que os leopardos se alimentam todos os dias e que todos os dias suas ovelhas correm o risco de serem devoradas. Esses etíopes apresentam, segundo Veyne, um modo flexível de crer, tal como o das crianças que acreditam simultaneamente que seus presentes de Natal são trazidos pelo Papai Noel e comprados por seus pais.

Esse modo flexível de crer, que incorpora a contradição, está presente também entre adultos no Ocidente moderno. É o modo como crêem os portugueses do Renascimento. É um modo de crer perfeitamente compatível com a ética católica, na medida em que pressupõe a negociação entre valores morais e necessidades reais. Entre o *dever ser* e o *ter de ser*. A própria idéia católica de expiação funciona como um meio de eliminar a incoerência da contradição. O pecado é, em parte, expiado pela culpa. Culpa e pecado são expiados pela confissão e o homem está livre para ser virtuoso ou pecar novamente.

Portugueses e espanhóis, na conquista do Novo Mundo, viram-se diante da necessidade de incorporar, de alguma forma, a contradição entre a experiência da tradição e a experiência inédita; entre os olhos e os ouvidos; entre ambição e frustração; entre a língua e o coração; entre o além e o aquém; entre natureza e virtude; entre natureza e artifício; entre a cobiça e a beatitude; entre o corpo e a alma; entre a conquista e a graça; entre liberdade e destino; entre a aspiração e a realização; entre o arcaico e o moderno; entre a experiência e a fantasia. Ambos tiveram de ser flexíveis para incorporar a contradição. O que Sérgio Buarque de Holanda argumenta, em *Visão do paraíso*, é que, entre os portugueses, a

flexibilidade é dotada de um caráter plástico que permite levar a contradição ao limite e ainda assim conviver com ela de forma coerente.